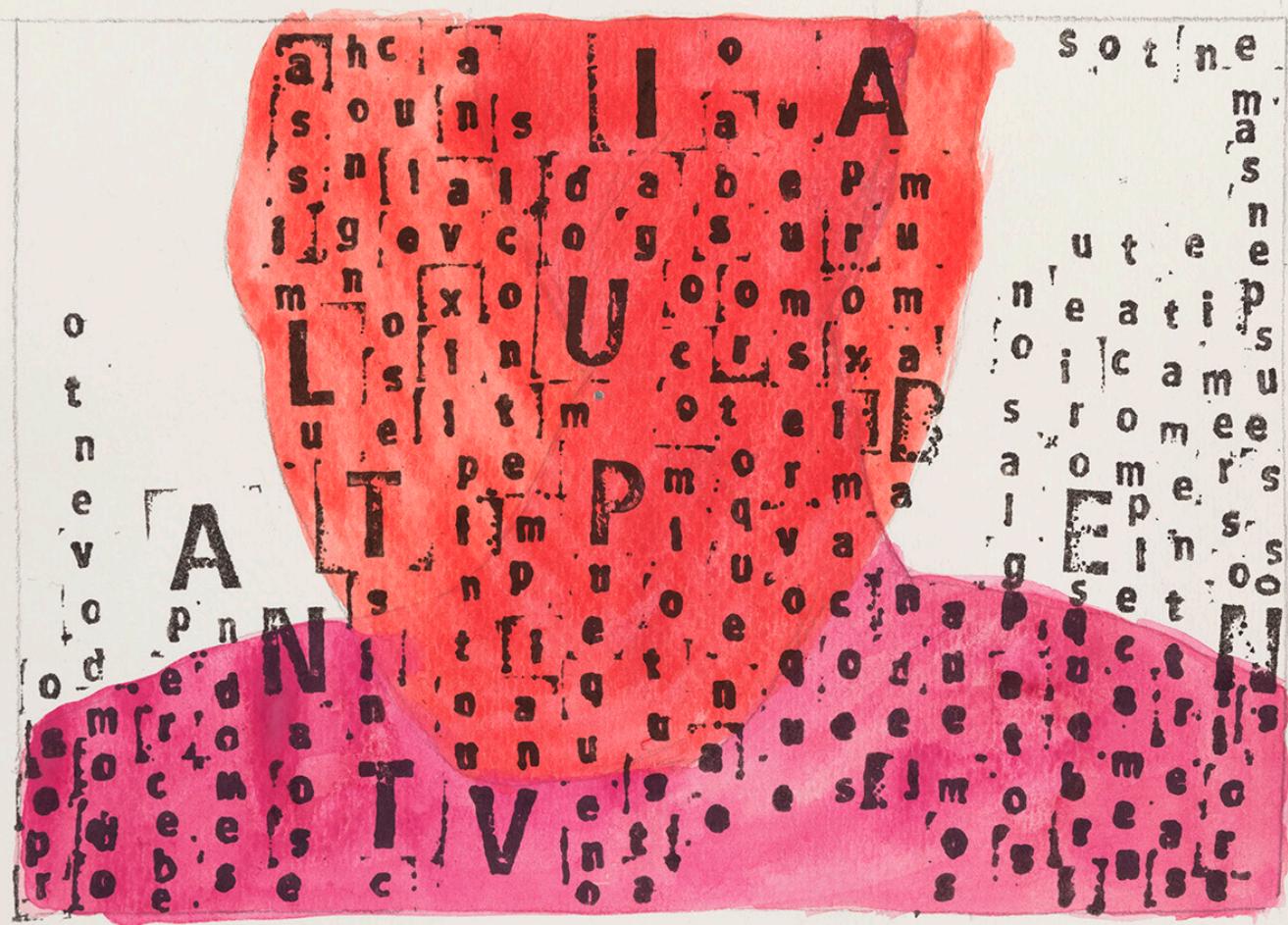


Entrevista

Amo los días.





“...trabalhei a sua forma e as suas cores, transformando-as, também enquanto superfície, pele e corpo de livro.”

No âmbito da exposição Zushi no Nikki - Diário Ilustrado, o entrevistador José Sousa Machado, responsável pela Galeria Sá da Costa convida os artistas da exposição (Ângela Dias, Ângelo de Encarnação, Eduarda Rosa e Luís Silveirinha) para uma breve conversa informal em torno da mesma. Esta conversa ocorreu durante a exibição da exposição, entre o dia 21 de Setembro a 8 de Outubro de 2018.

José Sousa Machado

Na abordagem que faz a “The Pillow Book”, o diário de Sei Shonagon (dama de corte japonesa do século X), estabelece um paralelismo entre a pele do corpo e a página de um livro, onde se inscrevem letras, palavras, signos sobre episódios públicos e privados da vida na corte...

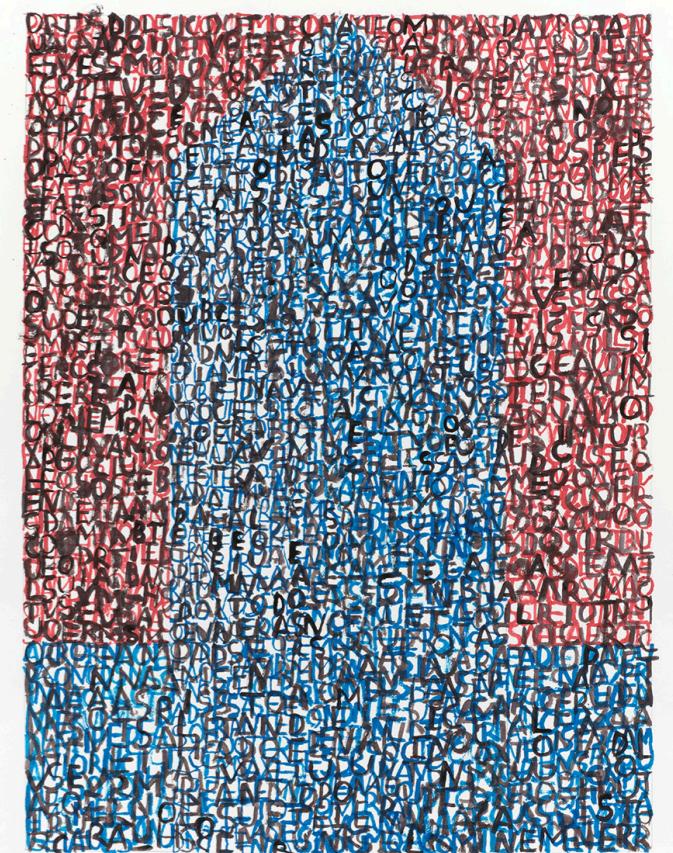
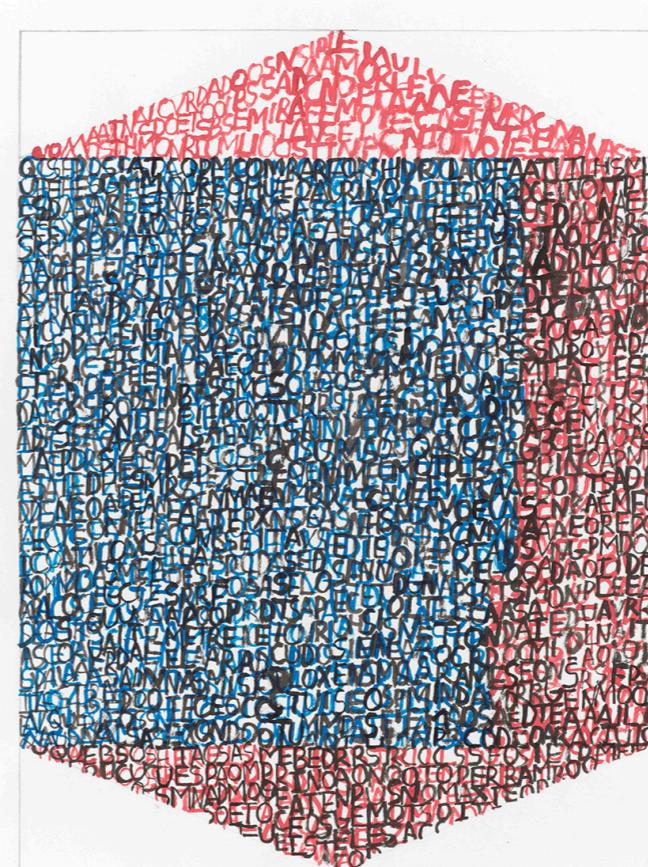
Ângela Dias

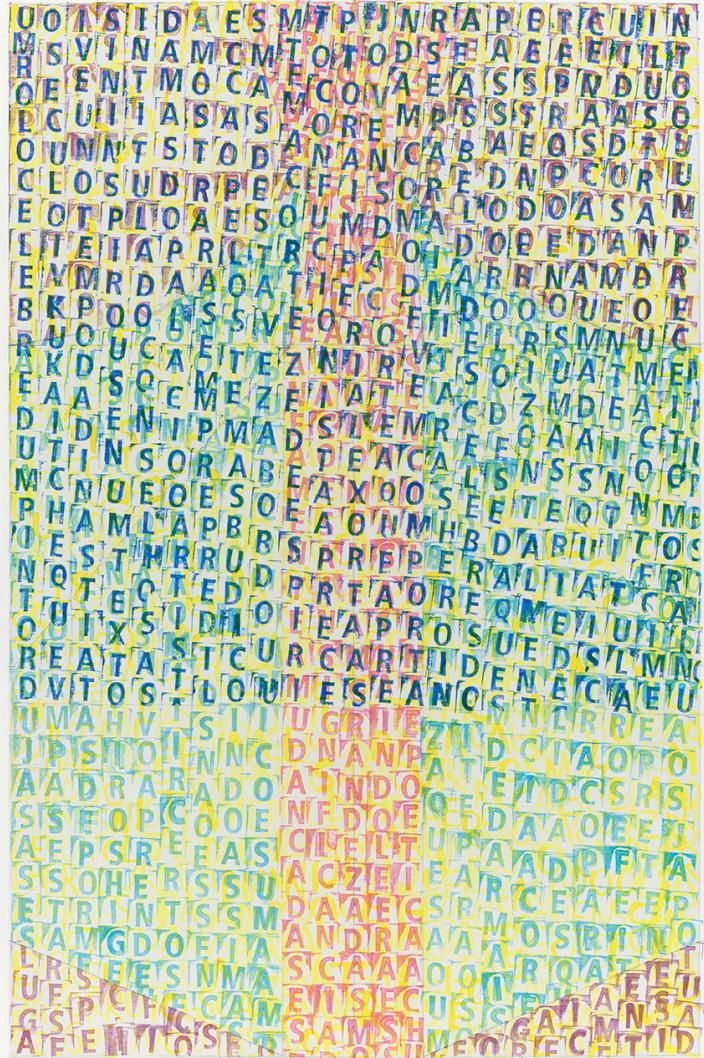
A relação que estabeleci entre o livro e o meu trabalho prático de desenho, partiu da minha vontade de reproduzir o gesto de escrever sobre as páginas de um diário imaginário, em comparação à prática diária da poetisa, relatando aspetos do seu dia-a-dia; coisas que via, que lhe aconteciam, quotidianamente, sobretudo na corte onde residia. Inspirei-me no gesto de escrever, escrever do mesmo modo que os calígrafos japoneses escreviam, de cima para baixo, na vertical e da direita para a esquerda. Mais tarde como da esquerda para a direita, como a escrita ocidental.

Selecionei acontecimentos públicos da vida na corte japonesa de então – festivais e cerimónias protocolares – partindo das vestes muito coloridas que os intervenientes usavam – elemento distintivo da cultura japonesa, trabalhei a sua forma e as suas cores, transformando-as, também enquanto superfície, pele e corpo de livro.

Nos meus desenhos o vestuário transforma-se, assim, em livro; desdobra-se e retoma a forma de kimono, assumindo, num ou noutro caso, o aspetto de uma figura. Juntei à forma do Kimono as camadas de transparências das cortinas descritas no livro. Talvez, tenha feito um paralelo ao meu atelier, onde existe uma cortina leve e transparente que separa o espaço privado do espaço público. Neste livro a autora menciona espaços pontuados por biombo e cortinas, espaços onde os homens recebiam mensageiros que traziam mensagens do rei.

“Nos meus desenhos o vestuário transforma-se, assim, em livro; desdobra-se e retoma a forma de kimono, assumindo, num ou noutro caso, o aspetto de uma figura.”





Como é que relaciona este núcleo de trabalhos com o seu trabalho artístico regular?

Desde há já bastante tempo que no meu trabalho artístico aparecem palavras e frases. Começou com extensões muito curtas, pensamentos que rompiam nos desenhos. Depois introduzi textos, excertos, citações sobre lugares, outras vezes sobre o meu corpo. A seguir começou a surgir textos mais longos, textos relacionados com figurações.

Nos trabalhos mais recentes, os textos começaram a sobrepor-se. Nestes desenhos, agora expostos na Livraria Sá da Costa, existem, por vezes, três camadas de texto sobreposto, tornando o resultado ilegível. Com alguma atenção ainda descortinamos palavras. À medida que fui sobrepondo os textos, fui também entrando num território de dispersão plástica, relacionando-o com o excesso de

informação que constato existir no meu dia-a-dia, onde pontificam jornais e diversas plataformas informáticas. A necessidade que sinto de me manter atualizada, conduziu-me à constatação dessa impossibilidade real, de que resulta esta sobreposição de textos ilegíveis.

"À medida que fui sobrepondo os textos, fui também entrando num território de dispersão plástica, relacionando-o com o excesso de informação que constato existir no meu dia-a-dia..."